

# A abordagem do conceito paisagem ao longo do século xxi no periódico finisterra

## The approach to the concept of landscape throughout the 21st century in the journal finisterra

### La aproximación al concepto de paisaje a lo largo del siglo xxi en la revista finisterra

Cleide Mara Martins de Oliveira – cleideoliva@gmail.com  
Mestranda em Geografia da Universidade Federal de São João del Rei - UFSJ  
Orcid : <https://orcid.org/0000-0001-8599-622X>

#### Resumo

Os registros materiais e imateriais das várias formas de apropriação da realidade pelas sociedades humanas são expressos na vida cotidiana como um produto das interações sociais e culturais no ambiente físico. Nesse sentido, paisagem possui códigos e modelos distintos, exigindo a correta interpretação de sua linguagem como forma de integração com o mundo que a cerca. A paisagem como manifestação de ações antrópicas sobre a natureza revela aspectos físicos, econômicos, culturais e ambientais das sociedades que a habitaram ao longo do tempo. A análise por meio desses recortes determina diferentes abordagens de captação da realidade, porém, são complementares e não devem ser dissociadas. Nesse contexto, este trabalho levantou informações sobre o conceito de Paisagem na Revista Finisterra de 2001 a 2020, distinguindo padrões de abordagens teórico-metodológicas. Conclui-se que o estar no mundo é correlacionado às práticas de ocupação e transformação da paisagem, tanto urbana quanto rural, ambas forjadas entre o homem e a natureza.

**Palavras-chave:** Paisagem Cultural, Paisagem Natural, Revista Finisterra, Portugal

#### Abstract

The material and immaterial records of the various forms of appropriation of reality by human societies are expressed in everyday life as a product of social and cultural interactions in the physical environment. In this sense, landscape has distinct codes and models, requiring the correct interpretation of its language as a form of integration with the surrounding world. The landscape as a manifestation of anthropic actions on nature reveals physical, economic, cultural and environmental aspects of the societies that inhabited it over time. The analysis through these clippings determines different approaches to capturing reality, however, they are complementary and should not be dissociated. In this context, this work raised information about the concept of Landscape in the Revista Finisterra from 2001 to 2020, distinguishing patterns of theoretical-methodological approaches. It is concluded that being in the world is correlated to the occupation and transformation practices of the landscape, both urban and rural, both forged between man and nature.

**Keywords:** Cultural Landscape, Natural Landscape, Journal Finisterra, Portugal

#### Resumen

Los registros materiales e inmateriales de las diversas formas de apropiación de la realidad por parte de las sociedades humanas se expresan en la vida cotidiana como producto de interacciones sociales y culturales en el entorno físico. En este sentido, Paisaje tiene diferentes códigos y modelos, lo que requiere la correcta interpretación de su lenguaje como forma de integración con el mundo circundante. El paisaje como manifestación de acciones antrópicas sobre la naturaleza revela aspectos físicos, económicos, culturales y ambientales de las sociedades que lo habitaron a lo largo del tiempo. El análisis a través de estos recortes determina diferentes enfoques para captar la realidad, sin embargo, son complementarios y no deben disociarse. En este contexto, este trabajo presentó información sobre el concepto de Paisaje en la Revista Finisterra de 2001 a 2020, distinguiendo patrones de abordajes teórico-metodológicos. Se concluye que estar en el mundo se correlaciona con las prácticas de ocupación y transformación del paisaje, tanto urbano como rural, forjado ambos entre el hombre y la naturaleza.

**Palabras clave:** Paisaje cultural, Paisaje natural, Revista Finisterre, Portugal

Recebido em: 05/10/2021  
Aceito em: 23/11/2021  
Publicado em: 21/12/2021

## Introdução

O estudo da paisagem sempre esteve ligado à prática geográfica, observar é por natureza, hábito humano. O valor dado à paisagem pelas sociedades possui diversos significados e atribuições. Nesse sentido, ela pode ser fonte de recursos que garantam sobrevivência, segurança e moradia, bem como permitir o enraizamento dos costumes e cotidianos das pessoas. Seu valor visual promove bem-estar a todos que estejam em contato com ambientes naturais e sua degradação altera o equilíbrio ecossistêmico, refletindo nos sistemas sociais, pois, resulta em perda de qualidade estética, funcional, estrutural e cultural.

A ação modeladora dos homens nas paisagens modificou-se no decorrer da modernização das sociedades. A expansão da urbanização e o crescimento populacional resultaram em paisagens antropizadas desconectadas da dinâmica natural. Os espaços naturais com maior integração de comunidades tradicionais em muitos casos estão em processos progressivos de perda de patrimônio natural, cultural e social. O abandono em que essas áreas se encontram é justificado pelo fato de que todo o complexo de modernidade se concentra nas cidades, o emprego, a renda, a saúde e a educação são mais disponíveis nesses locais, mas estes não absorvem a todos os indivíduos com igualdade. De uma progressiva mudança em torno da apropriação dos espaços naturais em direção à artificialidade e consequente urbanização, a paisagem dominante das cidades contrasta em muitos casos com a falta de conectividade e integração dos sujeitos, promovendo contextos socioeconômicos e ambientais fragmentados, denotando exclusão e inadaptabilidade social. As áreas urbanas com forte presença dos processos da globalização tendem a configurar espaços caóticos, com a arquitetura norteando as relações entre os sujeitos.

As investigações geográficas sobre a paisagem têm competências variadas, podem ter seu foco na dinâmica e fragilidade, portanto, em sua conservação. Na estética que favorece o turismo e o eixo econômico em seu caráter objetivo que denota implicações sobre a realidade. A avaliação dos atributos físicos pode ser identificada em estudos de uso e ocupação do solo, conservacionista, classificatório, estatístico, econômico, comparativo, causalidade, entre outros recortes que direcionam os trabalhos sobre a paisagem no campo físico, ou natural. Captar os significados e valores dados à paisagem compreende o espaço vivido, as inter-relações entre o universo interno das pessoas e o mundo externo, materializando essas dinâmicas em processos culturais, interpretativos, perceptivos e sociais. Nesse sentido, o modo subjetivo de apreensão pelos indivíduos que resultam em práticas culturais múltiplas pode ser identificado nos estudos da paisagem cultural.

Como tendência, os estudos com base na apreensão dos sentidos têm ganhado importância na conjugação do indivíduo com suas práticas de ocupação do território. Dessa forma, as manifestações artísticas que possam exprimir as relações dos sujeitos e seus cotidianos têm respaldo em materiais literários, pinturas, poesias, músicas, gastronomia, fotos e vídeos que registram as leituras do mundo impressas nas paisagens. Essas abordagens não são rígidas configurando exclusividade, mas, auxiliam as investigações dialogando entre si, porém, determinados enfoques prevalecem alinhados aos paradigmas inerentes a cada tipo de estudo. Nesse sentido, o presente trabalho teve por objetivo investigar

como o conceito de paisagem foi analisado ao longo do século XXI no periódico português Finisterra, examinando padrões de abordagens teórico-metodológicas.

### Desenvolvimento

O presente trabalho utilizou-se de metodologia qualitativa que analisou a categoria paisagem no período de 2001 a 2020, por meio do levantamento de dados em periódicos científicos selecionados no site da Associação Portuguesa de Geógrafos (APG). Nesse contexto, foram abordados títulos e palavras-chave que orientavam os estudos sob a perspectiva da palavra paisagem. Após a seleção dos artigos nos periódicos procedeu-se a leitura dos resumos e a identificação dos mesmos em duas categorias de análise: “paisagem cultural” (conteúdos relacionados à cultura, identidade cultural, percepção ambiental, práticas culturais, turismo) e “paisagem natural” (conteúdos relacionados aos aspectos físicos, econômicos, uso e ocupação do solo, conservação e percepção de riscos na paisagem), como uma triagem primária dos artigos científicos, agrupando-os em uma dessas duas categorias de análise. Posteriormente, foram lidos os artigos na íntegra a fim de distinguir quais abordagens prevaleceram em termos de métodos, escalas, técnicas, dimensão e transformações conceituais. Salienta-se que a análise do recorte “paisagem cultural” foi delimitada para compor os apontamentos dos resultados e discussão, porém, todos os artigos nas duas categorias de análise foram lidos. Como identificação teórico-metodológica usou-se como referências aspectos relacionados à escala, às técnicas, ao método e às abordagens em cada artigo selecionado. Nesse contexto, o trabalho de Alves (2010) orientou a metodologia proposta.

Segundo Ribeiro (2001) o conceito geográfico de paisagem, denota a disponibilidade de examinar determinado espaço. Essa observação pode ser auferida por diversos meios pelo homem, podendo este usar apenas seus sentidos ou os enriquecer de instrumentos que facilitem à apreensão do visível. Essa constatação do espaço manifestado possui outras ocorrências que influenciam a dinâmica dos processos impressos, como a identificação dos fluxos naturais, econômicos e sociais que é registrada na superfície terrestre. Do mesmo modo, doutrinas e ideologias percorrem o globo e modificam comportamentos marcando a sociedade do momento. De acordo com o autor essas mudanças são observadas na paisagem por meio das habitações, dos movimentos migratórios, das variações latitudinais refletidas nas distribuições dos ecossistemas. A flora e o relevo como elementos intimamente relacionados aos processos produtivos da agricultura, e da criação dos territórios, à semelhança de fatos que contribuíram para a modelação das paisagens e o estabelecimento das civilizações. “Raras são as paisagens puramente naturais”, as regiões são extensões da organização das paisagens retocada pelo trabalho humano, formando o quadro apreendido pela observação.

Nesse sentido, Salgueiro (2001) enfatiza que a paisagem se tornou tema das pinturas nos quadros, assim que o paradigma teológico medieval foi superado, o qual possibilitou o direcionamento da civilização para a Modernidade. Buscar o prazer proporcionado pela estética das pinturas com temática da paisagem incentivou o comportamento dessa contemplação nos ambientes naturais e por consequência no interesse em conhecer o funcionamento da natureza, manipulando-a e explorando-a. A relevância da paisagem nos estudos geográficos será constatada nos fins do século XX, por meio da Biogeografia, Geografia

Humana e nas expressões críticas ao positivismo o qual desconsiderou a paisagem em suas abordagens. As paisagens naturais e as paisagens culturais não devem ser separadas como compartimentos individualizados. A realidade contém aspectos holísticos que devem ser respeitados, como a perspectiva subjetiva identificada nas experiências do espaço vivido, em associação com o meio natural.

Dessa forma, o ambiente que permite a troca de informações e conhecimentos além da sobrevivência biológica é escolhido pelos indivíduos para reproduzir seus modos de vida. A paisagem denota vivências subjetivas criadas pela mente, o foco é como os sentidos apreendem o território, desse modo, ver, perceber e sentir são manifestações importantes nas análises geográficas da paisagem. Segundo a autora a paisagem é uma visão de mundo que possui códigos específicos inseridos em um modelo cultural dominante. É produto construído social e culturalmente, é preciso leitura adequada dos códigos e modelos. Sendo assim, a paisagem é alvo tanto de interesses estéticos como econômicos capazes de manipulações e explorações sem precedentes, configurando o enfoque objetivo da realidade. Os modelos atuais resultantes de tais modificações na paisagem não foram assimilados por expressões artísticas como na pintura romântica naturalista, o território é organizado de modo a não ter ressonância estética o que favorece o distanciamento e a falta de representatividade na sociedade, por não possuírem códigos visuais que permita à apreciação.

Segundo Domingues (2001) a desconstrução da paisagem tradicional que remetia ao equilíbrio dos meios físicos e os modos de vida associados a valores, significados e práticas, alterou o sentido de identidade, tornou escassa a cultura, não sendo reconhecida a paisagem modificada. O estudo da paisagem enquadrava a sociedade rural tradicional, esse cenário equilibrado entre o meio físico, natural e as identidades sociais foi transformado com o passar do tempo. Dessa forma, esse pretérito estado de estabilidade foi alterando-se, mudou-se a estrutura resultando em urbanização da sociedade, em territórios sob tensão, com processos de desertificação humana que resulta em perda de conhecimentos tradicionais, pois as gerações não estão em troca informacional. Estas paisagens em conflitos refletem discursos de apropriação da realidade por meio de referências culturais que possam dar novos significados em acordo com a condição variável da paisagem. Nesse contexto, outros modos de vida vão surgindo, acompanham os ritmos da modernização dos espaços, mudanças sociais produtoras estabelecem outros usos e os territórios são apropriados de outras formas. De acordo com o autor as tendências sobre a análise da paisagem têm na Ecologia da Paisagem enfoques vinculados às questões de conservação da natureza, de modo a gerir as intervenções antrópicas causadoras de desequilíbrios nos territórios.

De acordo com Domingues (2001) a UNESCO define três critérios de classificações de Paisagens Culturais:

Paisagens intencionalmente criadas pelo homem por razões estéticas, paisagens que evoluíram organicamente pelo imperativo social, administrativo, econômico e/ou religioso, uma relíquia e paisagens com viés religioso, artístico ou cultural associadas aos elementos naturais, ainda que os testemunhos culturais tenham desaparecido. (DOMINGUES, 2001, p. 64)

Segundo o autor o desafio em gerir essas paisagens é conciliar a recuperação, a valorização e a proteção dessas paisagens de modo que os aspectos culturais herdados possam estar em conformidade com as mudanças ocorridas na

sociedade. Passado, presente e futuro em sintonia com os diversos interesses de uso do território. É preciso encontrar o equilíbrio entre os discursos das questões ambientais sem os radicalismos ecológicos e as paisagens urbanas que retratam as paisagens modernas.

De acordo com Alves (2001), a exposição permanente da Tate Modern de Londres, *Real Life Landscape*, focaliza as mudanças na percepção e representação da paisagem. Seu escopo dá-se pela progressão da paisagem enquanto espaço geográfico retratado pelo viés naturalista, pelo abstrato, pelo universo da mente, da imaginação, das ideias, representados metaforicamente. As dinâmicas de transformações da paisagem refletem na apreensão da mesma, as pinturas não são os melhores meios de retratá-las, nesse sentido, os vídeos, filmes e fotografias respondem melhor ao movimento das mudanças. As redes virtuais aceleram os fluxos de troca informacional dessas representações, imagens, letras e música captam as várias realidades geográficas e influenciam a formação coletiva da visão de mundo. As representações das paisagens podem ser construídas por imposição de cenários socialmente identificados como os desertos e seus oásis, contrastando com “os calhaus e rochas em cerca de 80 % da maioria dos desertos”. Da mesma forma, as identidades territoriais como nos Estados Unidos da América (EUA) e seus Parques Nacionais, foram construídas por meio da divulgação dos filmes *western* que legitimaram a apropriação dos territórios de modo igualitário e a dizimação das comunidades nativas. Os Parques Nacionais dos EUA configuram hoje o modelo nacional de território, em que a identidade nacional americana é representada pelas “paisagens ideais: policiadas, vigiadas e respeitadas”.

Os valores paisagísticos são associados aos aspectos socioculturais contemporâneos, pois ocorrem no tempo e espaço do agora com a necessidade de adequar a gestão das paisagens, sua proteção e valorização ao contexto das mudanças socioculturais, enfatizando a progressão e evolução das mesmas. Nesse contexto, a perspectiva das alterações e manutenções das paisagens rurais, em que o abandono das comunidades tradicionais abre espaço para que interesses exógenos atuem sobre o território, modificando sua estrutura e a lógica de produção é identificada também nas paisagens urbanas alteradas pela especulação fundiária, o que gera espaços com baixa qualidade estética e caóticos em sua grande parte. Segundo Alves (2001) as paisagens modernas devem ter outras leituras e ser decodificadas por meio de outros condicionamentos sociais e culturais, que operem sobre a percepção das mesmas e de suas construções. “As paisagens são frutos da evolução das representações coletivas”. A autora enfatiza a homogeneização das paisagens pelo processo da globalização, que dificulta os processos de identidade, de enraizamento, de integração, de igualdade, de inclusão e repartição das riquezas.

Nesse sentido, as representações da realidade podem ser identificadas no movimento das artes enquanto registros do contexto sociocultural vigente, trabalhos de fotografia como os de Sebastião Salgado – *Exodus* e *Trabalho* foram citados por Alves (2001), colocando em evidência as desigualdades das paisagens retratadas. Segundo a autora a paisagem expressa os diversos sentidos sensoriais dos territórios por meio dos afetos, da imaginação, das trocas informacionais de aprendizado sociocultural. Sua construção deve associar-se aos sistemas de identidade não privilegiando a materialidade. A paisagem deve compor junto a outros elementos o cerne das representações culturais materiais e imateriais, como

significados que são decodificados nas leituras dos sistemas sociais, sendo estes signos reproduzidos, experimentados e explorados.

O pacto que a Geografia estabeleceu com as dimensões do espaço e o tempo segundo Amaral (2001) remete à associação da paisagem com a organização ou arranjo espacial, o que implica em análises estruturadas de suas transformações. A ação e percepção antrópica reverberou por todas as paisagens desde o Neolítico, sendo assim, a expressão “paisagem cultural” deve estar associada ao modo de descobrir a paisagem, as interações entre o homem e a natureza pelos anos seguidos. De acordo com o autor, a distinção entre paisagem cultural e paisagem natural não faz sentido. A concepção da paisagem é intermediada pelos sentidos sendo estes expressos pela fala, escrita, música, pintura, todos agentes que produzem e usam os espaços. As representações da paisagem em pinturas como Monet segundo Amaral (2001), são feitas de modo a apreender o momento, logo, obras artísticas executadas em rapidez e de observação direta, processos íntimos da geografia. As paisagens retratadas por Cézanne têm ritmos, cores e perspectivas que assemelham-se, aos *shanshui* japoneses, fusão do homem com o universo cósmico, análise fractal. Do mesmo modo, a música como linguagem universal de expressão da paisagem é citada pelo autor na obra de Beethoven em sua Sinfonia nº 6, *Pastoral*, que tematiza a reconciliação do homem com a natureza. De acordo com o autor o avanço tecnológico que permitiu a observação do planeta a partir do espaço, resultou na constatação de que ações localizadas repercutem no global, as interações que ocorrem na natureza estão todas interligadas. Monitorar as intervenções antrópicas em escala planetária possibilitou a mudança de consciência sobre a realidade.

Segundo Gaspar (2001) a possibilidade de viajar, de conhecer outros mundos, impulsionada pelos avanços nos meios de transporte permitiu a apreensão de outros territórios, alterando os usos e a economia desses espaços. As distâncias são encurtadas e o espaço alargado, outras experiências são possibilitadas pelos deslocamentos feitos com o uso do automóvel. As viagens tornaram-se banais e as apreensões da paisagem variam conforme o observador e a velocidade. A paisagem pode ser analisada segundo seus símbolos, como conjunto de signos a interpretar, ou como modelo de explicação racional da realidade. Isto é, remete ao aprendizado, ao aspecto cognitivo que estabelece o reconhecimento da paisagem como ponto inicial. As diversas abordagens geográficas, feitas em trabalhos científicos podem ser esquematizadas da seguinte forma segundo Gaspar (2001). Todos esses componentes interagindo nos esquemas descritos.

#### Sujeito – Modelo – Objeto – Símbolo

- Paisagem como fato puramente interno = Relações internas = construção mental da paisagem.
- Paisagem da Geografia historicista e científica = Relações entre o sujeito = Paisagem como produto histórico social.
- Paisagem com foco na percepção humanista = Relações entre representações e coisas = Paisagem resultante de tal relação.
- Paisagem da Geografia com foco positivista = Relações causais entre as coisas = Paisagem como geosistema.

As novas concepções dos gêneros de vida auxiliam no entendimento das transformações ocorridas em tempos recentes. Os territórios são marcados por novos processos de ocupação como os não lugares, centros de consumo e lazer que denotam novos nomadismos. A apreensão das paisagens perpassa pela visão multifacetada nos territórios fragmentados, os ruídos, as vibrações do mundo em constante movimento. A avaliação da paisagem enquanto valorização da água é percebida pelos balneários, da proximidade com o litoral. O nomadismo moderno se vale da água para a construção das novas paisagens. Nesse contexto, outros sentidos são instrumentos de apreciações e percepções da paisagem, termos como *smellscape* e *soundscape* são referências enquanto abordagens geográficas. De acordo com Gaspar (2001) as paisagens olfativas vinculam-se a determinados cheiros como os fumos nas lareiras das aldeias de regiões portuguesas como Trás-os-Montes, Beiras e Minho. No Alentejo, suas ruas arborizadas com laranjeiras têm em determinadas épocas do ano o odor das flores dessas árvores. As paisagens sonoras enquanto experiência sensorial é objeto de análise da Geografia Humana, no entanto, os sons/ruídos são elementos que integram os trabalhos de ordenamento do território, enquanto qualidade sonora dos ambientes urbanos. Fora das áreas citadinas à percepção dos ruídos urbanos como presença ininterrupta é mais detectável. Estar em meio ao silêncio das paisagens naturais, remete ao deleite de ouvir o vento, os pássaros, os barulhos das águas. Guardam-se na memória as vivências após fecharem-se os olhos. As paisagens de tato advêm do impulso de tocar, como forma de atingir o tempo na paisagem, desse modo, as pedras, as árvores ancestrais, são percebidas pelo toque. A percepção da paisagem pela visão é materializada, assim, a água, as frutas, os vegetais, os animais tornam-se comestíveis. De acordo com Gaspar (2001) as obras de Yi Fu Tuan são essenciais para compreender essa perspectiva da realidade enquanto paisagem. As paisagens biográficas denotam percorrer os caminhos sobre a vida de alguém. A imaginação subsidiada por documentos escritos, fotográficos, orais ou edificados, ou a retrospectiva da materialização no agora de toda a vida são percursos possíveis de serem feitos nessa perspectiva biográfica da paisagem.

Segundo Serpa (2001) o crescimento populacional desenfreado nas cidades resulta em arranjos espaciais caóticos que tendem a uniformização e a massificação prevalecendo sobre a individualidade. Nesse sentido, a cidade é lida de modo superficial e neutro. A realidade está encoberta pelo mau funcionamento arrumado do caos cotidiano. As pessoas são anônimas e incógnitas e as experiências com a cidade ocorrem por meio da arquitetura. A cidade é experiência de trocas econômicas, lugar de desencontros nas relações sociais mediadas pela divisão econômica do trabalho. O eu e o outro em eterno confronto, característica do “cosmopolitismo da metrópole”. Nesse complexo mundo a casa torna-se refúgio, exalta a individualidade e oferece sentido de lugar. A construção da identidade pessoal se faz pela rotulação territorial, ocupação espacial que reflete fatores de exclusão, de construção de zonas de conflitos, de sentimentos de pertença que contribuem com o sentido de “patrimônio simbólico urbano”. Segundo o autor, a expansão das metrópoles como Lisboa orientada no universo transnacional multicultural origina novo conceito de cidadania. As cidades modificadas pela homogeneização da globalização têm nas leituras de seus signos, a dominação dos sentidos que oculta as particularidades e resulta em contextos pouco genuínos. O particular e o geral perdem sentido, as construções ocupam espaços em constantes trocas do novo em substituição ao tradicional, entretanto, é

entre os lugares que as conexões oferecem direção e integridade a todo o conjunto. Decodificar os símbolos permite que a experiência de urbanidade de cada indivíduo seja transformada em imagens que possam gerar mapas mentais. “A paisagem é a porção do território que nos protege das tentações das cidades quando as tradições rurais se desfazem”. As vivências cosmopolitas permitem viajar nas paisagens urbanas e naturais, as periferias são lugares de exílio que se opõem aos cotidianos dos centros das cidades, com suas arquiteturas que segregam e excluem. A massa de estranhos talvez tenha rotinas semelhantes no caos urbano.

Segundo Calapez (2001) a paisagem é vista sob a perspectiva dos elementos geográficos e urbanísticos do território do Tejo em Portugal. Nesse sentido, o autor descreve sua percepção ambiental por meio dos sentidos manifestando sob a forma artística as apreensões do real. Concebe-se um quadro pintado por meio de suas cores e linhas em que o autor dá forma a paisagem, não há distâncias nem horizontes. Segundo Hufty (2001) o artista é um ator geográfico quando utiliza a tela para retratar o espaço simbólico e material que definem uma época. Expressas na tela estão processos de planejamento que são alicerçados por estilos prévios em que a ação do geógrafo em analisar as obras de arte não é supérflua. Nesse sentido, o autor considera algumas obras de arte para refletir a cerca da paisagem, como instrumento de apreensão e decodificação do observado. Segundo Hufty (2001) criar ou reconhecer uma paisagem necessita de condições que devem ser satisfeitas por meio de algo que torne observável a inter-relação entre o homem e a natureza. Dessa forma, contemplar um espaço no planeta não induz a sensibilidade paisagística, é preciso forjar um elo e a arte cumpre esse papel. Conceber a paisagem como meramente funcional ou econômica, meio ambiente ditado pelas regras cartesianas, retira a essência sensível da paisagem e dita às relações humanas por outro viés. “*La peinture de paysage est une de ces source de connaninssances, qui éduquent le regard et l'espirit*”.

Segundo Lepecki (2001) a paisagem é determinada pela prática de discriminar a natureza, enquanto separa, ordena, uni e ilumina aspectos da diversidade, como deuses recriando novos universos nas várias paisagens. Dessa forma, Soromenho-Marques (2001) cita a peculiaridade da paisagem enquanto possibilidade de pensar de modo filosófico sobre a natureza, sem levar a precisão como fator primordial. No entanto, os valores, conhecimentos e instituições da sociedade tecnocientífica devem ser identificados por meio da reflexão sobre a formação dos territórios. Segundo o autor a contemplação da paisagem serve de ponte ao mundo interno dos indivíduos, observar a paisagem para além da funcionalidade. A dimensão espiritual em comunhão com a natureza, sem limitar a quantificá-la ou a ater-se a formas apenas. A paisagem como elemento influenciador da história da humanidade, em princípio o homem estabeleceu-se na terra vindo a conquistar os mares com as navegações, em seguida o ar com os aviões e por último talvez, o fogo. Sequência de interação homem-elementos que contribuíram para forjar as reflexões sobre limites que são objetos de estudo da filosofia.

De acordo com Carmo (2011) o estudo da paisagem sob a perspectiva cultural e política é um recorte integrado à representação e como recurso material. A paisagem analisada por meio de representações é orientada pela estética, os simbolismos, a aparência, os significados e histórias e a articulação entre eles que

modelam a paisagem contemporânea. A perspectiva material centra-se nas relações sociais que reproduzem a paisagem. Das interações do representacional com o material resulta-se em efeitos socioespaciais que podem transcender o espaço local de manifestação dos fenômenos. Como instrumento de análise da paisagem o autor cita a iconografia de Erwin Panofsky, para trabalhar com os murais pintados do Partido Comunista dos Trabalhadores Portugueses / Movimento reorganizador do Partido do Proletariado PCTP / MrPP. Esses murais representavam as manifestações políticas e atos de cidadania na década de 1970 e assumiam a característica de propaganda política e de formação de identidade, “traduziram a ideologia visual da transformação e revolução social subjacente à sua política”.

Segundo Costa (2016) “a paisagem produzida é expressão da história territorial”, é resultado da cultura e político renovados constantemente originando novas formas e conteúdos. Os valores inseridos na formação do território moldam a paisagem. Identidade estética que desenha a identidade local produz memória visual e legitima a memória social traçada no território. Memória estética associada à paisagem, a história do território, a produção de significados recordados no espaço vivido. O autor elucida “a paisagem barroca como elemento da memória estética nacional brasileira”, é expressão material-espiritual, política, econômica, cultural, de produção territorial e das paisagens.

De acordo com Kanán (2021) a paisagem cultural descrita na obra de Saramago “Viagem a Portugal” origina-se na construção da identidade por meio da cartografia da memória. Segundo Kanán a paisagem para Saramago é labirinto de tempos que se juntam e ao final expõe a reconstrução internalizada da imagem do seu país e de seu povo por detrás das aparências no ano de 1979. O passado perpetuado na paisagem evidenciando o patrimônio histórico e de formação da identidade portuguesa. Na obra de Saramago “as paisagens formam-se e articulam-se graças aos rios”, sua pátria era composta de gente, pedra e paisagem.

Nesse contexto, os dados sobre o conceito paisagem levantados no periódico português Finisterra ao longo do século XXI são apresentados nos (Quadro 1) e (Quadro 2) a seguir:

O (Quadro 1) ilustra os artigos selecionados no grupo “Paisagem cultural” e a abordagem teórico-metodológica.

**Quadro 1** – Categorias de análise dos artigos científicos no periódico Finisterra ao longo do século XXI

Periódico Científico	Categoria Paisagem Cultural / Total 14 Artigos					
	Autor (es)	Título	Abordagem Teórico-metodológica			
			Escala	Técnica	Método	Abordagem
Vol. 36 N.º 72 (2001) <b>Finisterra</b> , XXXVI, 72, 2001, pp. 27-35	Orlando Ribeiro	Paisagens, regiões e organização do espaço	Global	Teórico; Documental	Empírico-Analítica; Fenomenológico-Hermenêutico	Teórico-Metodológica; Descritiva; Determinista; Comparativa; Ambiental; Qualitativa
Vol. 36 N.º 72 (2001) <b>Finisterra</b> , XXXVI, 72, 2001, pp. 37-53	Teresa Barata Salgueiro	Paisagem e Geografia	Global	Teórico; Documental; Pintura; Espaço vivido	Empírico-Analítica; Fenomenológico-Hermenêutico	Teórico-Metodológica; Descritiva; Ambiental; Qualitativa; Sociológica; Cultural
Vol. 36 N.º 72 (2001) <b>Finisterra</b> , XXXVI, 72, 2001, pp. 55-66	Álvaro Domingues	A paisagem revisitada	Global	Teórico; Documental	Empírico-Analítica	Teórico-Metodológica; Descritiva; Ambiental; Qualitativa; Sociológica; Cultural
Vol. 36 N.º 72 (2001) <b>Finisterra</b> , XXXVI, 72, 2001, pp. 67-74	Teresa Alves	Paisagem – em busca do lugar perdido	Global	Teórico; Documental; Pintura; Literatura; Música; Filmes; Fotos	Empírico-Analítica; Fenomenológico-Hermenêutico	Teórico-Metodológica; Descritiva; Ambiental; Qualitativa; Sociológica; Cultural
Vol. 36 N.º 72 (2001) <b>Finisterra</b> , XXXVI, 72, 2001, pp. 75 - 81	Ilídio do Amaral	Acerca de “paisagem”: Apontamentos para um debate	Global	Teórico; Documental; Literatura; Pintura; Poesia; Satélites	Empírico-Analítica; Fenomenológico-Hermenêutico	Teórico-Metodológica; Ambiental; Qualitativa; Histórica; Cultural
Vol. 36 N.º 72 (2001) <b>Finisterra</b> , XXXVI, 72, 2001, pp. 83 - 99	Jorge Gaspar	O retorno da paisagem à Geografia. Apontamentos místicos	Global	Teórico; Documental; Literatura; Pintura; Percepção sensorial; Poesia	Empírico-Analítica; Fenomenológico-Hermenêutico	Teórico-Metodológica; Ambiental; Qualitativa; Histórica; Cultural
Vol. 36 N.º 72 (2001) <b>Finisterra</b> , XXXVI, 72, 2001, pp. 101 - 114	Luís Serpa	A cidade e as estrelas. Fragmentos de paisagem	Global	Teórico; Documental; Filmes; Arquitetura	Empírico-Analítica; Fenomenológico-Hermenêutico	Teórico-Metodológica; Descritiva; Ambiental; Qualitativa; Sociológica; Cultural; Histórica

Vol. 36 N.º 72 (2001) <b>Finisterra</b> , XXXVI, 72, 2001, pp. 123 - 125	Pedro Calapez	Plenitude. Reprodução de seis gravuras	Local	Teórico; Documental; Pintura; Poesia	Empírico-Analítica; Fenomeno lógico-Hermenêutico	Teórico-Metodológica; Descritiva; Ambiental Qualitativa; Sociológica; Cultural; Histórica
Vol. 36 N.º 72 (2001) <b>Finisterra</b> , XXXVI, 72, 2001, pp. 127 - 139	A. Hufty	<i>L'art du paysage et le Géographe</i>	Global	Teórico; Documental	Empírico-Analítica; Fenomeno lógico-Hermenêutico	Teórico-Metodológica; Descritiva; Ambiental Qualitativa; Sociológica; Cultural; Histórica
Vol. 36 N.º 72 (2001) <b>Finisterra</b> , XXXVI, 72, 2001, pp. 141 - 147	Maria Lúcia Lepecki	A mãe promíscua: sobre natureza e paisagem	Global	Teórico; Documental	Empírico-Analítica	Teórico-Metodológica; Descritiva; Ambiental; Qualitativa
Vol. 36 N.º 72 (2001) <b>Finisterra</b> , XXXVI, 72, 2001, pp. 149 - 156	Viriato Soromenho Marques	Pensar a paisagem. Da aventura interior ao campo da História	Global	Teórico; Documental	Empírico-Analítica; Fenomeno lógico-Hermenêutico	Teórico-Metodológica; Descritiva; Ambiental Qualitativa; Sociológica; Cultural; Histórica
Vol. 46 N.º 92 (2011) <b>Finisterra</b> , XLVI, 92, 2011 pp. 25 - 41	André Carmo	<i>Revolutionary landscapes: the PCTP / MRPP mural paintings in the Lisbon Metropolitan Area</i>	Local	Teórico; Documental; Pintura; Entrevista	Empírico-Analítica; Fenomeno lógico-Hermenêutico	Teórico-Metodológica Descritiva; Ambiental; Qualitativa; Sociológica; Cultural; Histórica
Vol. 51 N.º 103 (2016) <b>Finisterra</b> , LI, 103, 2016, pp. 67-87	Everaldo Batista da Costa	A paisagem barroca como memória estética nacional	Global	Teórico; Documental; Fotos	Empírico-Analítica	Teórico-Metodológica; Descritiva; Ambiental; Qualitativa; Sociológica; Cultural; Histórica
Vol. 56 N.º 116 (2021) <b>Finisterra</b> , LVI (116), 2021, pp. 3-18	Raquel Urroz Kanán	<i>El sentido del viaje y el paisaje en Saramago</i>	Nacional	Teórico; Documental; Cartografia da memória; Literatura; Mapa mental	Empírico-Analítica; Fenomeno lógico-Hermenêutico	Teórico-Metodológica; Descritiva; Ambiental; Qualitativa; Sociológica; Cultural; Histórica

Fonte: A autora

O (Quadro 2) ilustra os artigos selecionados no grupo “Paisagem natural” e a abordagem teórico-metodológica.

**Quadro 2** - Categorias de análise dos artigos científicos no periódico Finisterra ao longo do século XXI

Periódico Científico (Ctrl + clique para seguir o link)	Categoria Paisagem Natural / Total 9 Artigos					
	Autor(es)	Título (Ctrl + clique para seguir o link)	Abordagem Teórico-metodológica			
Escala			Técnica	Método	Abordagem	
Vol. 36 N.º 72 (2001) <b>Finisterra</b> , XXXVI, 72, 2001, pp. 115 - 121	Pedro George	Paisagem do urbano ao rural. Notas a partir de Lisboa ...	Local	Teórico; Documental	Empírico - Analítica	Teórico-Metodológica; Descritiva; Ambiental; Qualitativa; Sociológica; Cultural; Histórica
Vol. 36 N.º 72 (2001) <b>Finisterra</b> , XXXVI, 72, 2001, pp. 157- 178	António Brum Ferreira <i>et al.</i>	Metodologias de análise e de classificação de paisagens. O exemplo do projecto Estrela	Regional	Teórico; Documental Estatística; Cartografia; Mapas; SIG	Empírico - Analítica	Teórico-Metodológica; Descritiva; Ambiental; Quantitativa; Histórica; Percepção de tempo
Vol. 36 N.º 72 (2001) <b>Finisterra</b> , XXXVI, 72, 2001, pp. 179- 193	Denise de Brum Ferreira	Evolução da paisagem de montado no Alentejo interior ao longo do século XX: dinâmica e incidências ambientais	Regional	Teórico; Documental Análise da vegetação; Uso e ocupação do solo	Empírico - Analítica	Teórico-Metodológica; Descritiva; Ambiental; Qualitativa; Sociológica; Cultural; Histórica; Causalidade
Vol. 36 N.º 72 (2001) <b>Finisterra</b> , XXXVI, 72, 2001, pp. 195- 206	T. Pinto-Correia <i>et al.</i>	Identificação de unidades de paisagem: Metodologia aplicada a Portugal Continental	Nacional	Teórico; Documental Cartografia; SIG; Trabalho de campo; Peritagem; Caracterização de unidades de paisagem	Empírico - Analítica	Teórico-Metodológica Descritiva;; Ambiental; Quantitativa; Qualitativa; Cultural
Vol. 36 N.º 72 (2001) <b>Finisterra</b> , XXXVI, 72, 2001, pp. 207- 239	José Manuel Lima Santos	<i>Valuing alternative bundless of the landscape attributes: Cost-benefit</i>	Global	Teórico; Documental Métricas; Analítico; Preditivo; Custo/benefí	Empírico - Analítica	Teórico-Metodológica; Descritiva; Ambiental; Quantitativa

		<i>analysis for the selection of optimal landscapes</i>		cio		a; Valorativa
Vol. 37 N.º 74 <b>(2002)</b> <b>Finisterra</b> , XXXVII, 74, 2002, pp. 185 - 189	Ana Lavrador- Silva	Avaliação das paisagens da bacia hidrográfica da Ribeira de Colares. Estudo geográfico e de percepção ambiental	Regio nal	Teórico; caracterizaçã o geográfica; Questionário; Trabalho de campo; Percepção de risco; Uso e ocupação do solo	Empírico - Analítica	Teórico- Metodológi ca; Descritiva; Ambiental; Qualitativa; Cultural, Educativa, Causalidade
Vol. 42 N.º 83 <b>(2007)</b> <b>Finisterra</b> , XLII, 83, 2007, pp. 91 - 107	Isabel Maria Madaleno	Desertificação no norte do Chile	Regio nal	Teórico; Documental Análise da vegetação; Uso e ocupação do solo; Caracterizaçã o de unidades de paisagem, modelo de sustentabilid ade socioeconômi ca e ambiental adequado a ambientes áridos e semiáridos	Empírico - Analítica	Teórico- Metodológi ca; Descritiva; Ambiental; Qualitativa; Sociológica; Cultural; Histórica; Causalidade
Vol. 52 N.º 105 <b>(2017)</b> <b>Finisterra</b> , LII, 105, 2017, pp. 29-47	Alan Liotard <i>et</i> <i>al.</i>	<i>La perception du risque tsunami à Sines, Portugal: de l'importance du paysage dans la perception sociale du risque</i>	Local	Teórico; Documental Questionário; Fotos; Trabalho de campo; Percepção de risco	Empírico - Analítica	Teórico- Metodológi ca; Descritiva; Ambiental; Qualitativa; Cultural, Educativa
Vol. 54 N.º 112 <b>(2019)</b> <b>Finisterra</b> , LIV (112), 2019, pp. 145-162	Ana Beja da Costa Sílvia Jorge	Uma paisagem em mutação: o caso do bairro dos pescadores em Maputo, Moçambique	Local	Teórico; Documental Trabalho de Campo Fotográfico; Cartográfico; SIG;	Empírico - Analítica	Teórico- Metodológi ca; Descritiva; Ambiental; Qualitativa; Cultural;

				Entrevista; Percepção de risco		Analítica, Histórica, Causalidade
--	--	--	--	--------------------------------------	--	---

Fonte: A autora

Os dados apresentados no **Quadro 1**, referente aos artigos classificados no grupo “Paisagem Cultural”, demonstraram que ao longo da primeira década do século 21, o conceito Paisagem foi abordado pelo periódico Finisterra em um volume específico dedicado ao tema e com maior ênfase ao recorte da Geografia Cultural e Humana, com proporção de aproximadamente 74% do total desse volume 36 nº72 ano 2001. Apresentou estudos importantes ao conhecimento da evolução da Paisagem e esta como área de trabalho da Geografia, assim como as várias formas de se estudar a Paisagem por meio dos sentidos ou de instrumentos que captam a percepção da paisagem e as interações com a mesma. A partir do ano de 2011 o conceito foi apresentado nas publicações da revista a cada 5 anos, sendo o último volume em 2021. As técnicas utilizadas nesse grupo em sua maioria destacaram o caráter teórico e documental da evolução do conceito Paisagem desde o início dos estudos e pesquisas em Geografia. Somados a essa perspectiva, os autores utilizaram-se de materiais e técnicas que pudessem representar as interações dos homens ao longo dos séculos com o meio natural, e a sua transformação pelos usos e ocupação dos solos, resultando em processos de urbanização. Nesse sentido, foram utilizados conceitos da pintura como ponto inicial de interação dos homens e as paisagens, em seguida a arte em geral foi instrumento dessa possibilidade de se retirar da subjetividade individual de cada indivíduo, as experiências vividas no contexto das paisagens. Dessa forma, a Literatura, poesia, filmes, músicas, fotos, arquitetura, possibilitaram aos seres humanos captar e expressar os espaços vividos, gerando-se mapas mentais e cartografias da memória. As entrevistas como técnicas de percepção da paisagem puderam conectar os indivíduos a lembranças de outras épocas e reafirmar posições de luta contra sistemas opressores. A percepção sensorial nesse conjunto de técnicas demonstra a necessidade de cada ser humano em se conectar com a natureza e com os aspectos culturais que são formados nessa interação. Nesse contexto, justificam-se os Métodos Empírico-Analítica e Fenomenológico-Hermenêutico, que configuraram o escopo dos artigos do **Quadro 1**. As abordagens que foram identificadas nesse grupo apresentaram variados recortes em que o contexto teórico-metodológico foi utilizado para todos os artigos. Desse modo, foram constatadas as análises de cunho histórica, cultural, sociológica, ambiental, descritiva e qualitativa na maioria dos trabalhos. Tecer considerações a cerca do conceito Paisagem Cultural permitiu levantar informações sobre como essa abordagem da Geografia é inerente à evolução das sociedades humanas e das paisagens que ocupam.

Os dados apresentados no **Quadro 2** referente aos artigos classificados no grupo “Paisagem Natural”, demonstraram que a abordagem da Geografia Física enquanto levantamento de informações a cerca das paisagens naturais e das interações das sociedades humanas com as mesmas, apresentou ao longo do século 21 uma representatividade menor, 40% do total, em comparação aos 60% do total apresentados pelo grupo “Paisagem Cultural” e sua respectiva análise. Em especial

a lacuna de 10 anos que se fez entre os anos de 2007 a 2017 sem publicações sobre o conceito Paisagens Naturais. As técnicas utilizadas nos trabalhos desse grupo apresentaram o uso e a ocupação dos solos como ponto central, assim, técnicas de estatística, cartografia, mapas, sistemas de informação geográfica (SIG), análise da vegetação, caracterização de unidades de paisagem, percepção de risco, trabalho de campo, peritagem, questionários, métricas, custo/benefício, fotos e modelo de sustentabilidade socioeconômico e ambiental para ambientes áridos e semiáridos, fizeram parte dos instrumentos que auxiliaram os autores em suas pesquisas em análise ambiental das paisagens pelo viés da Geografia Física. Vale ressaltar que ambos os grupos tiveram enfoque específico dentro do escopo dos trabalhos, porém, sempre com diálogo entre os aspectos culturais, sociais, econômicos e ambientais. O Método utilizado foi o Empírico-Analítico que convergiu com a metodologia utilizada nos trabalhos. As abordagens utilizadas assemelham-se às apresentadas no grupo “Paisagem Cultural” a exceção do recorte direcionado à valorização e educação ambiental, como ferramentas que sirvam de auxílio às tomadas de decisões dos gestores públicos, quanto à necessidade de se conservar e conhecer as paisagens naturais. Os trabalhos direcionaram suas pesquisas em recortes importantes no sentido de se reconhecer mudanças nas paisagens, como à percepção de riscos aos indivíduos que estejam em suas áreas de influência, como a elevação do nível dos mares. Os usos e as ocupações dos solos direcionados por meio de políticas públicas que incentivaram a degradação ambiental resultaram em consequências sérias para a manutenção do equilíbrio ecossistêmico das paisagens naturais e da qualidade de vida dos habitantes locais. Conhecer as unidades de paisagem possibilita a compreensão da evolução dos ambientes naturais e identificar os melhores geossítios aptos a serem conservados ou destinados para atividades antrópicas.

Acrescentou-se à análise dos artigos do grupo “Paisagem cultural” a relação dos autores citados e suas considerações sobre paisagem. Abaixo encontra-se a listagem com cada artigo representado por numeração de 1 a 14:

#### 1)

- J. Brunhes: a região se define pelo tipo de paisagem que apresenta para a observação, com formas, climas, regimes de exploração, domínio natural ou humano.
- Max Sorre: região geográfica como extensão de determinado tipo de paisagem.
- C. O. Sauer; D. W. Jhonson; W. M. Davis: aspectos geomorfológicos ou fisiográficos, sem perder de vista as obras humanas.
- Estrabão e Ptolomeu: qualquer paisagem participa na organização do conjunto do globo.
- Vidal de La Blache: noção de fatos gerais ligados aos organismos terrestres.
- C Ritter: traço fundamental da identificação de um espaço.
- Humboldt: discernir a unidade e a harmonia no imenso agregado de coisas.
- E. Reclus: harmonias naturais; Ramón y Cajal: harmonia, conjunto, encaixe.
- Leite de Vasconcellos: o presente provém do passado.

#### 2)

- Cosgrove: sentido econômico da terra, transição da economia natural para a capitalista. Paisagem é o mundo exterior mediatizado pela experiência subjetiva

dos homens, portanto, um modo de ver o mundo. Sensibilidade na ligação empenhada com certos lugares.

- Luginbühl: associação da paisagem às características de um dado território.
- Humboldt; Hartshorne; Sorre: porção limitada da superfície terrestre com elementos que dão unidade.
- Brunhes; Schluter; Passarge; Peet; Hard: Estudos morfológicos, comparativos.
- Lautensach; Bobek; Demangeon: atributos físico-naturais, humanos e inter-relações.
- Sauer; Sack: diferenciação espacial, distribuição espacial localização dos fenômenos à superfície terrestre, relações homem-ambiente.
- Frémont: a paisagem não é um simples objeto nem o olho que a observa uma lente fria de objetiva.
- Bertrand; Wieber; Dollfus; Brossard: ciência da paisagem (confluência da Geografia e Ecologia), pesquisas sobre a paisagem estão pouco libertas da biogeografia e muito afastadas das preocupações econômicas e sociais, forças biofísicas em interação.
- Relph: contexto visual da existência cotidiana.
- Brunet: a realidade é função da ideia que se faz dela.
- Tuan: imagem integrada construída pela mente e pelos sentidos.
- Claval: relação sensível e visível com a superfície da terra.
- Berque: *trajection* topofilia de Tuan, sentido de lugar de outros autores. Ligação sujeito-objeto, aspectos ecológicos e simbólicos, significação subjetiva.
- Bailly: a paisagem não existe senão pelo grupo ou pelo homem por meio da relação fenomenológica entre o *je* e o meio. As paisagens traduzem valores, sentimentos e fantasias face ao ambiente, é herança intelectual e espiritual.
- Gottdiener; Lagopoulos; Duncan; Meinig; Tuan: decodificar os sentidos das paisagens pela semiótica, análise sociolinguística e literária.
- J. Appleton: estudos mecanicistas sobre a qualidade estética das paisagens.
- Cullen: relação entre espaço aberto e fechado que denota segurança nos espaços urbanos.
- Kaplan: ambientes que facilitem a aquisição de conhecimentos e não apenas a sobrevivência biológica.
- Ronai; Rougerie; Beroutchachvili: paisagem é fruto de apreciação estética do espaço.
- Rochefort: distingue a paisagem objetiva (a que Lacoste chama de real) da paisagem subjetiva, ou seja, a ideia que se faz dela.
- W. Kirk: opõe o ambiente do comportamento ao fenomenal.
- Sonnenfeld: hierarquia nos níveis de ambientes percebidos desde o geográfico ao comportamental, passando pelo operacional e perceptual.
- Rimbart: as duas correntes que se encontram no estudo das paisagens decorrem de diferenças no conceito de espaço: conceito fenomenológico do espaço corporal decorrerá a geografia da percepção e do comportamento, a geografia do espaço objeto radica no conceito de espaço cartesiano.
- Relph; Venturi; Brown: paisagens vulgares e ordinárias (inexistência de códigos de visão) paisagens produzidas hoje pela transformação e recriação do território herdado.

### 3)

- Orlando Ribeiro; Corbin: a paisagem fixou-se na sua dupla condição de realidade física e de construção ideológica, socialmente inculcada e difundida como um dos fatores centrais da identidade nacional.
- Besse: No meio da turbulência a paisagem resiste disciplinarmente.
- Roger; Berque; Lenclud: a importância nunca perdida da abordagem da paisagem no campo da estética, a história da arte, da antropologia, da etnologia, a literatura. *Artialisation* no sentido de Berque.
- Voisenat; Nottegheem: a emergência dos valores patrimoniais, autenticidade cultural das paisagens.
- Berque: quem fala (ou não) da paisagem, como e por quê? As representações linguísticas e semióticas, as representações literárias, orais ou escritas, cantando, ou descrevendo as belezas das paisagens, as representações pictóricas, as interpretações paisagísticas, traduzindo uma visão estética da natureza.
- Roger: descaracterização das paisagens funcionais, tradicionais explicado pelas mudanças sociais nos modos de apropriação, uso e de transformação dos territórios rurais. A clarificação conceitual da paisagem ou é redução da paisagem aos seus elementos naturais e da sua dinâmica mais ou menos antropizada, como a ecologia da paisagem com o empobrecimento que aí deriva ou assume o verdadeiro conteúdo cultural especificidade do campo da geografia.
- Domingues; Harvey: exorcizar o descritivismo e o subjetivismo contido no modelo ideográfico da geografia das paisagens.
- Cadiou; Luginbuhl: mundo rural, bucólico, pitoresco, reflexo da imagem de uma região agrícola ideal.
- Anne Spirn: linguagem da paisagem, desafio para, ao mesmo tempo, ler e reconstruir novos textos paisagísticos nas *landscapes* e nas *cityscapes*.
- Cosgrove: reconstrução de identidade, enraizamento local, defesa de valor natural e ecológico, qualificar o quadro de vida cotidiano, tensão sobre patrimônios e lugares excepcionais.
- Pino; Roda: privilegiam-se os sistemas biofísicos e sua evolução, remetendo para um plano secundário a análise da paisagem como artefato e construção social.
- Donadieu; Voisenat; Nottegheem: paisagens que perderam a sua funcionalidade no contexto agrícola tradicional. Paisagens em tensão, reconstrução de um novo sistema de significado de acordo com a condição mutante das paisagens.

#### 4)

- Roger: a noção de paisagem no ocidente surgiu associada ao desenvolvimento da arte da pintura. Artialização.
- Humboldt: a paisagem foi uma criação do homem urbanizado do norte da Europa. Decisiva a questão religiosa.
- Mepat: para garantir o equilíbrio entre os valores tradicionais e os predominantemente urbanos, necessário à afirmação da identidade nacional.
- Conan: paisagens naturais a serem preservadas correspondem a modelos culturais herdados do passado, frequentemente obsoletos. Morte da paisagem.
- Soja; Harvey Massey; Gregory: questões sociais e a construção de novas formas de organização do espaço. Tendência para a uniformização do território com padrões ocidentais. Espaços não adaptados às condições de vidas dos habitantes.

- Duncan: a paisagem deve ser assumida como um dos elementos centrais do sistema cultural, com significados comunicados, reproduzidos, experimentado e explorado.

### 5)

- Preston James: representações de cenas, sobretudo as rurais, e depois panoramas em geral ou em aspecto particular.
- Peirce Lewis: extensão de território abarcada pelo campo de visão de um observador.
- Augustin Berque: a representação é sempre polissêmica e a figura geográfica, organizada por geogramas, destinada a convencer, é, por natureza, funcional e deve ser visivelmente persuasiva.
- Paul Claval: oferece a possibilidade de abordar num mesmo movimento todas as questões candentes do futuro da geografia: as que giram à volta do peso do meio e dos constrangimentos ecológicos na organização do espaço.
- Jean-Robert Pitte: a paisagem é a expressão observável à superfície da terra, pelos sentidos, da combinação entre a natureza, as técnicas e a cultura dos homens. Só pode ser apreendida em sua dinâmica. A paisagem é ato de liberdade; é poesia escrita na folha branca do clímax.

### 6)

- Bertrand; Berque; Pinchemel; Claval; Ley e Samuels; Cosgrove; Daniels, Yi Fu Tuan; Crang; Mitchell: paisagem quadro de vida, patrimônio, valor de identidade, recurso.
- Miguel Unamuno: utilitarismo na concepção da paisagem
- Perigord; Béguin: paisagem é uma invenção do Renascimento, da pintura renascentista.
- Humboldt; Ratzel: orientações geográficas.
- Yoshio Nakamura: a fragmentação da cidade e do território, que não resulta de uma visão linear exclusivamente imóvel é apreendida através dos ruídos e vibrações sentidas pelo corpo em movimento, já não se trata da ordem estabelecida pelas civilizações agrícolas sedentárias. É a imagem de um mundo nômade em perpétua mobilidade.
- J. Douglas Porteous: abordagem das paisagens olfativas, *smellscape*.
- Schaffer; Ortega Y Gasset: paisagem sonora.
- Yi Fu Tuan: paisagem de tato.
- Marc Crépon: paisagens do espírito.
- Robert Hughes: a pintura tem valor de tato.

### 7)

- Fernando Pessoa: Não acredita na paisagem.
- Stan Allen: A cidade é um lugar de contingência selvagem.
- Unger: o triunfo de certas instituições e ideias é relativamente acidental, então a sua substituição pode ser mais facilmente imaginada como mais realista.
- Simmel; Kafka; Borges: oposição permanente entre a afirmação do eu e o confronto com o outro característico do cosmopolitismo da metrópole. Imersão num labirinto de propostas indesejadas, lugar, casa, labirinto, espaço evocado como local de proteção acaba por se transformar numa prisão sem possibilidade de saída possível.

- Grau: morada, espaço em que a complexidade provém, sobretudo, da repetição permanente dos mesmos elementos arquiteturais.
- Nadar; Baudelaire; Benjamin: esgotos de Paris, reforço da cidade subterrânea.
- Arantes: a arquitetura de territórios, elemento de sedimentação da cidade, baseada numa sucessão interminável de zonas intersticiais e marcos fragmentários formando verdadeiros lugares antropológicos.
- Wacquant: A construção da identidade pessoal passa pela estigmatização territorial.
- Zukin: as mitologias e o imaginário desempenham e conduzem à reformulação dos significados identificadores dos lugares proporcionando quer a memória quer o desejo. Cosmopolitismo transnacional e na interação multicultural como fator de aparecimento de um novo conceito de cidadania.
- Miwon Kwon: sentido e significado da relação com a cidade ou com a sua estrutura social. O deslocamento do lugar de origem e retorno, a nova leitura urbana contrapõe ou não faz sentido,
- Bruno Taut: fusão entre o natural e o artificial, adquirindo nova naturalidade. Um lugar que elogie o sublime da meditação e o afastamento do mundo.

## 8)

- A. Roger: do “país” ou o grau zero da paisagem.
- Ad- Reinhardt: *monochromes*.
- Giotto: rochas.
- Carpaccio: plantas.
- Klee: mares.
- Rothko: esfumadas cores.
- Richter: desfocadas imagens.

## 9)

- Berque: sensibilidade propriamente paisagística.
- Lhote: paisagem pictórica composta, reunião de fragmentos imaginários ou encontrados em viagens. Novas sensações vivenciadas no contato com a natureza levam a pensar e produzir a pintura de paisagem como fonte de efeitos surpreendentes para o observador.
- Garraud: a *landart* o quadro pictórico desapareceu em favor de um traço, de uma espécie de escultura que desfigura a Natureza e prefere a ação à contemplação. O meio é internalizado por séculos de educação que acumularam quadros de imagens mentais.
- Piveteau: a pintura da paisagem é uma dessas fontes de conhecimento que educa o olho e a mente.
- Le “Bon gouvernement” de Lorenzetti. Verdadeira monografia geográfica para nos fazer compreender o que torna a riqueza: as múltiplas obras e atividades dos cidadãos, possibilitadas por sábios da administração.
- “Le temps calme” de Nicolas Poussin: É uma grande paisagem construída, ideal, uma interpretação da nossa relação com a Natureza. Paisagens humanizadas dos arrozais de P. Gourou, da estética da geografia e das “belas” paisagens rurais a serem preservadas.

- Laurentian Village: Esta valorização de uma campanha humanizada coincide com um apelo à valorização do património e do olhar científico do etnólogo sobre o mundo.
- James Turrell explora essas fronteiras de percepção e isola um canto do céu para ainda poder contemplá-lo.
- René Derouin: tendência da arte contemporânea, a abstração de formas e forças, de ordem e caos que ressoam com a física atual. Cartografia atual das linhas de força, fluxos de mercadorias ou capitais, e das formas assumidas pelas redes de comunicação que individualizam as regiões. Existe um parentesco duplo entre pintura e geografia: por um lado, refletem-se todos os sonhos e desejos de uma época e sua tradução espacial.
- Pollock: semelhanças formais entre uma rede de neurônios, a pintura de Pollock e redes de lugares geográficos. Uma geografia privada de suas referências culturais rapidamente se tornaria incompreensível.

#### 10)

- Camille Paglia: no começo era a natureza.
- José Saramago: O que mais há na terra, é paisagem.
- Aurélio Buarque de Holanda: paisagem é espaço de terreno que se abrange num lance de vista. Palazzi: *aspetto di paese* campestre o montano. Panorama, vista, paese, veduta. Larousse: *paysage étendue de pays qui s'offre à la vue*. Espanhol: porción de terreno considerada em su aspecto artístico.

#### 11)

- Pascal; Kant: recusava-se a ver na paisagem cósmica dos espaços infinitos um símile da confiada infinitude divina. Sentia na visão da rede inumerável de mundos e sistemas de mundos uma veneração *Ehrfurcht* aparentemente análoga à experimentada pela vivência da dimensão ética interior.
- Leonel Ribeiro dos Santos: o sentimento estético é a manifestação da condição simultânea da parte animal (sensível) e espiritual do homem. A experiência estética e teleológica permite assim aceder a uma relação com a Natureza que já não é a da posse, a do domínio instrumental e da violência, nem apenas a do respeito e do temor, mas da mútua amabilidade, a do livre favor, a da espontânea gratuidade e doação.
- Emerson: Transcendentalismo. A verdadeira essência da humanidade e da natureza só pode ser captada na relação íntima entre ambas, por meio da meditação do pensamento.
- Teixeira de Pascoaes: Avisto sempre, na paisagem, uma forma concreta ou revelada e outra a revelar-se vagamente.
- John Stuart Mill: a experiência da solidão e do recolhimento se transforma em valores psicológicos e morais, é benéfico para o indivíduo e a sociedade.
- Thoreau: desejo por uma vida autêntica e plena.
- Hegel; Voltaire; Herder: acentuar dos fatores e elementos geográficos e paisagísticos nos contornos essenciais dessa reflexão sobre a história.
- Ernst Kapp: presença de elementos definidores da paisagem na determinação histórico-filosófica do destino da humanidade continuará a atrair vocações intelectuais relevantes.
- Hegel: geografia da paisagem é o lugar que deve ser ocupado pelo espírito dos povos.

- Carl Schmitt: a dinâmica da história humana vai da terra em direção ao mar. A terra é o elemento a que o homem está destinado, mas o mar é o elemento da sua liberdade, da sua possibilidade de um renascimento.

## 12)

- Gaspar: variedade de possibilidades para a paisagem como campo de investigação.
- Cosgrove: a paisagem foi concebida como uma forma de ver o mundo, construção simbólica pictórica refletindo um conjunto específico de valores e ideias (ideologia visual).
- Daniels: centralidade do visual, iconografia da paisagem.
- Duncan; Ley; Barnes: privilegiaram a compreensão da paisagem como texto. A paisagem é concebida como uma forma simbólica à qual são atribuídos significados e interpretações instáveis.
- WJT Mitchell: buscou mudar a paisagem de substantivo para verbo. Processo pelo qual identidades subjetivas são formadas. Paisagem como uma prática cultural dinâmica e meio de comunicação dialógica com o potencial de romper as relações de poder e capaz de desafiar a ordem social existente. Ver o poder em ação na paisagem requer atenção não apenas à paisagem (como uma forma, representação e conjunto de significados) em si mesma, mas às relações sociais de dar origem e possibilitar a capacidade de trabalho da paisagem.
- Bender: a paisagem nunca é inerte, as pessoas se envolvem com ela, retrabalham, se apropriam e contestam. É parte da forma como as identidades são criadas e disputadas, seja como indivíduo, grupo ou Estado-nação.
- Don Mitchell: observou sistematicamente que a relevância contínua da paisagem tem a ver com o poder social que ela acarreta.
- Harvey: instanciar e objetivar os desejos humanos no mundo material, não apenas por meio da reprodução do eu e do ser corporal, mas também por meio de modificações nos ambientes circundantes.
- Peet: chamou de relativismo idealista-representativo, por não reconhecer que uma paisagem não é um texto *per se*, mas sim uma forma material que, entre outras coisas, também possui qualidades textuais.
- No caso do PCTP / MRPP, embora houvesse uma preocupação crescente com as qualidades estéticas das pinturas murais, o principal objetivo era levar a mensagem política do partido para os espaços públicos a fim de potencializar o efeito propaganda, sua principal função política.

## 13)

- Simmel: a consciência, como um todo unitário, produz a paisagem em um recorte espiritual.
- D'Angelo: identidade estética como a tomada do aspecto estético enquanto traço saliente da identidade local. Memória estética.
- Bosi: cultura aplicada à paisagem, à memória ligada à história de territórios. Cultura como fruto do trabalho.
- Ritter: a paisagem torna-se algo esteticamente presente no olhar de um contemplador sensível e sentimental, o qual pode ou não reconhecer campos diante da cidade, o rio enquanto fronteira, enquanto tais, como paisagem.

- Romero: a cidade barroca fez-se cenário ou campo aberto, onde a paisagem traduz vocação para o espetáculo e origina a importante criação do barroco: a fachada.
- Eric Dardel: a paisagem é muito mais que a justaposição de detalhes pitorescos, é o conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma impressão, que une muitos elementos.

#### 14)

- Saramago: a paisagem é “um estado de alma”, que significa que “a impressão causada pela contemplação de uma paisagem dependerá sempre das variações temperamentais e do humor jovial ou atrabiliário que atuam dentro de nós no preciso momento em que a temos diante de nossos olhos”.

### Conclusões

Os processos que conectam os indivíduos às paisagens e as percepções que são atribuídas a elas, são possíveis de serem mapeadas por meio da análise das expressões artísticas, rituais folclóricos, agricultura, hábitos alimentares entre outras observações implícitas aos sentidos sensoriais que estão em constante interação com a paisagem e estimulam vivências distintas em cada indivíduo. Nesse sentido, devem ser consideradas em conjunto, as vertentes culturais e naturais que compõem os estudos sobre a paisagem e ordenamento do território de forma a se respeitar a integridade física e ecossistêmica dos ambientes bem como a cultura que evoluiu em cada local.

Os dados apresentados nos dois grupos de análise da Paisagem, “Cultural e Natural”, permitiram identificar a evolução do conceito ao longo do século XXI no periódico Finisterra. Também demonstram a importância das pesquisas nessa área. A co-evolução do homem com as paisagens enaltece como as visões de mundo influenciam na apropriação dos territórios, e assim, determinar como a sociedade é gerida. Muitos paradigmas a serem superados a fim de que a sociedade humana caminhe para convivências mais harmônicas entre os indivíduos e a natureza.

### Referências

#### Artigos em Revistas

ALVES, T. Paisagem – em busca do lugar perdido. **Finisterra**, XXXVI, 72, 2001, pp. 67-74. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/178> > Acesso em julho de 2021.

AMARAL, I. Acerca de “paisagem”: Apontamentos para um debate. **Finisterra**, XXXVI, 72, 2001, pp. 75 - 81. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/178> > Acesso em julho de 2021.

CALAPEZ, P. Plenitude. Reprodução de seis gravuras. **Finisterra**, XXXVI, 72, 2001, pp. 123 – 125. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/178> > Acesso em julho de 2021.

CARMO, A. Revolutionary landscapes: the PCTP / MRPP mural paintings in the Lisbon Metropolitan Area. **Finisterra**, XLVI, 92, 2011 pp. 25 – 41. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/198> > Acesso em julho de 2021.

COSTA, E. B. A paisagem barroca como memória estética nacional. **Finisterra**, LI, 103, 2016, pp. 67-87. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/658> > Acesso em julho de 2021.

DOMINGUES, A. A paisagem revisitada. **Finisterra**, XXXVI, 72, 2001, pp. 55-66. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/178> > Acesso em julho de 2021.

FERREIRA *et al.* Metodologias de análise e de classificação de paisagens. O exemplo do projecto Estrela. **Finisterra**, XXXVI, 72, 2001, pp. 157- 178. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/178> > Acesso em julho de 2021.

FERREIRA, D. B. Evolução da paisagem de montado no Alentejo interior ao longo do século XX: dinâmica e incidências ambientais. **Finisterra**, XXXVI, 72, 2001, pp. 179- 193. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/178> > Acesso em julho de 2021.

GASPAR, J. O retorno da paisagem à Geografia. Apontamentos místicos. **Finisterra**, XXXVI, 72, 2001, pp. 83 – 99. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/178> > Acesso em julho de 2021.

GEORGE, P. Paisagem do urbano ao rural. Notas a partir de Lisboa ... **Finisterra**, XXXVI, 72, 2001, pp. 115 – 121. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/178> > Acesso em julho de 2021.

HUFTY, A. L'art du paysage et le Géographe. **Finisterra**, XXXVI, 72, 2001, pp. 127 – 139. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/178> > Acesso em julho de 2021.

JORGE, A. B. C. S. Uma paisagem em mutação: o caso do bairro dos pescadores em Maputo, Moçambique. **Finisterra**, LIV (112), 2019, pp. 145-162. Disponível em: < <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/1006>> Acesso em julho de 2021.

KANÁN, R. U. El sentido del viaje y el paisaje en Saramago. **Finisterra**, LVI (116), 2021, pp. 3-18. Disponível em: < <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/1268>> Acesso em julho de 2021.

LAVRADOR-SILVA, A. Avaliação das paisagens da bacia hidrográfica da Ribeira de Colares. Estudo geográfico e de percepção ambiental. **Finisterra**, XXXVII, 74,

2002, pp. 185 - 189. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/180>> Acesso em julho de 2021.

LEPECKI, M. L. A mãe promíscua: sobre natureza e paisagem. **Finisterra**, XXXVI, 72, 2001, pp. 141 – 147. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/178>> Acesso em julho de 2021.

LIOTARD, A. *et al.* La perception du risque tsunami à Sines, Portugal: de l'importance du paysage dans la perception sociale du risque. **Finisterra**, LII, 105, 2017, pp. 29-47. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/768> Acesso em julho de 2021.

MADALENO, I. M. Desertificação no norte do Chile. **Finisterra**, XLII, 83, 2007, pp. 91 - 107. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/189>> Acesso em julho de 2021.

PINTO-CORREIA, T. Identificação de unidades de paisagem: Metodologia aplicada a Portugal Continental. **Finisterra**, XXXVI, 72, 2001, pp. 195- 206. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/178>> Acesso em julho de 2021.

RIBEIRO, O. Paisagens, regiões e organização do espaço. **Finisterra**, XXXVI, 72, 2001, pp. 27-35. Disponível em:

<<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/178>> Acesso em julho de 2021.

SALGUEIRO, T. B. Paisagem e Geografia. **Finisterra**, XXXVI, 72, 2001, pp. 37-53. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/178>> Acesso em julho de 2021.

SANTOS, J. M. L. Valuing alternative bundles of the landscape attributes: Cost-benefit analysis for the selection of optimal landscapes. **Finisterra**, XXXVI, 72, 2001, pp. 207- 239. Disponível em:

<<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/178>> Acesso em julho de 2021.

SERPA, L. A cidade e as estrelas. Fragmentos de paisagem. **Finisterra**, XXXVI, 72, 2001, pp. 101 – 114. Disponível em:

<<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/178>> Acesso em julho de 2021.

SOROMENHO- MARQUES, V. Pensar a paisagem. Da aventura interior ao campo da História. **Finisterra**, XXXVI, 72, 2001, pp. 149 – 156. Disponível em:

<<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/issue/view/178>> Acesso em julho de 2021.

## Tese

ALVES, F. D. **Trajetória teórico-metodológica da geografia agrária brasileira: a produção em periódicos científicos de 1939 – 2009.**

Universidade estadual paulista “Júlio de Mesquita Filho” Instituto de Geociências e Ciências Exatas Campus de Rio Claro. Rio Claro (SP) 2010. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/104306/alves\\_fd\\_dr\\_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/104306/alves_fd_dr_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em julho de 2021.